



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MELANCOLIA E SOLIDÃO EM *FRANKENSTEIN*, OU O PROMETEU MODERNO

LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA CALIXTO

**MAMANGUAPE – PB
2021**

LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA CALIXTO

MELANCOLIA E SOLIDÃO EM *FRANKENSTEIN*, OU O PROMETEU MODERNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Mamanguape – PB

2021

C154m Calixto, Luiz Henrique de Oliveira.

Melancolia e Solidão em Frankenstein, ou o
Prometeu Moderno / Luiz Henrique de Oliveira
Calixto. - João Pessoa, 2021.

44 f. : il.

Orientação: Luciane Alves Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ

1. Frankenstein. 2.Criatura 3.Melancolia 4. Sujeito
isolado

UFPB/CCAÉ*

CDU 82

LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA CALIXTO

MELANCOLIA E SOLIDÃO EM *FRANKENSTEIN*, OU O PROMETEU MODERNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Aprovado em 01 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luciane Alves Santos
(Orientadora – UFPB)



Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas
(Examinador 1 – UFPB)



Prof. Ma. Prisciane Pinto Fabrício Ribeiro
(Examinador 2 – UFPB)

Mamanguape – PB

2021

DEDICATÓRIA

À Diana, minha mãe,
À Bernardo, meu sobrinho,
À Eliana, minha querida amiga,
À minha orientadora Luciane Alves,
As professoras Michelle Bianca e Prisciane Ribeiro,
Aos meus queridos avós maternos Amável e Manuel (*in memoriam*),
Aos que durante esse trágico período de pandemia perderam suas vidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pois muito me consola o fato de que o Supremo Criador também sabe trabalhar e agir com instrumentos insuficientes.

À minha afável orientadora, Luciane Santos, pelo seu carinho, atenção, paciência e por desde o início ter acolhido os meus anseios e acreditado nessa pesquisa.

À minha querida professora, Prisciane Ribeiro, que muito me ajudou durante este percurso e foi luz nos momentos em que me encontrei preso na escuridão da incerteza.

Aos eminentes professores do Departamento de Letras do CCAE, por contribuíram com tanta grandeza para minha formação, e de forma particular as professoras Michelle, Laurênia, Fernanda e Amanda, pelo carinho, respeito e consideração.

Aos meus avós maternos Amável e Manuel (*in memoriam*), por me criarem exatamente como me criaram. Por me darem toda estrutura necessária para que eu pudesse chegar onde cheguei. Por me fazerem com que eu possa sentir tudo, tentar caminhos, voar para longe, sabendo que tenho, sempre tive e sempre terei suporte.

À minha mãe por ter me concedido a chance rara, o quase luxo, de apenas viver. Porque todo o resto ela e os meus avós fizeram e fazem por mim.

Ao meu anjo de candura e amiga, Eliana Nascimento, por não ter soltado minha mão e mesmo de longe ter me ajudado, incentivado e suavizado o meu cansaço das lutas diárias.

À bondosa amiga, Angelina Farias, por todos os momentos de partilhas, apoio e carinho.

*“Deixe suas virtudes crescerem e repararem essa triste situação:
A glória ascende às alturas por um caminho escarpado.
Quem houvera conhecido Heitor, se Troia tivesse sido feliz?
A estrada da virtude é construída pela adversidade.
(Ovídio, Tristia)*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno* (1818), da escritora inglesa Mary Shelley sob uma perspectiva diferenciada, tendo como ponto fulcral as relações entre melancolia e literatura, atribuindo nosso foco investigativo à criatura do Dr. Frankenstein. Assim, buscaremos analisar a representação do sujeito isolado, solitário e deslocado do mundo a partir de suas ações, como também dos motivos que causaram estas ações no criador e na sua criatura. Para tanto, tomaremos por base os trabalhos de Soares (2015), Dantas (2019), Starobinski (2016) e Freud ([1917] 2010) dentre outros. Com a publicação de *Frankenstein* no ano de 1818, Mary Shelley consegue unir em sua obra diversas temáticas que atraem os leitores não apenas pela ficcionalidade, mas também pela densidade do teor psicológico de sua narrativa. A criatura é fruto dos ambiciosos experimentos do jovem cientista Dr. Victor Frankenstein que tomado pelo desejo sombrio de reanimar a matéria morta e provar que o silêncio do túmulo pode ser quebrado, vai contra a ordem natural da vida e assim desperta a sua abominável criatura, cujas consequências o levarão a um terrível infortúnio.

Palavras-chave: *Frankenstein*. Criatura. Melancolia. Sujeito isolado.

ABSTRACT

This work aims to analyze *Frankenstein: or the Modern Prometheus* (1818), authored by the English writer Mary Shelley. We intend to understand it under a different perspective, having as central point the relations between melancholy and literature, assigning our investigative focus to the creature of Dr. Frankenstein. We will seek, therefore, to analyze the representation of the isolated, lonely and displaced subject from the world based on their actions, as well as the reasons that caused these actions in the creator and in his creature. Thus, we will take as reference the works of Soares (2015), Dantas (2019), Starobinski (2016) and Freud ([1917] 2010) among others. With the publication of *Frankenstein* in 1818, Mary Shelley manages to unite in her work several themes that attract readers not only for the fictionality, but also for the density of the psychological content of her narrative. The creature is the result of the ambitious experiments of young scientist Dr. Victor Frankenstein who, seized by the dark desire to reanimate dead matter and prove that the silence of the tomb can be broken, goes against the natural order of life and awakens his abominable creature, whose consequences will lead him to a terrible misfortune.

Key words: Frankenstein. Creature. Melancholy. Isolated subject.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo I	
1 A CATÁBASES DE MARY SHELLEY	13
1.1 A Literatura gótica do século XIX.....	15
1.2 Os atavios mitológicos em <i>Frankenstein</i>	17
1.3 A <i>physis</i> de <i>Frankenstein</i>	19
Capítulo II	
2 A MELANCOLIA SOB A PERSPECTIVA DOS ANTIGOS MESTRES	23
2.1 Melancolia e literatura.....	26
Capítulo III	
3 AS DOBRAS DA ESCRITA: <i>FRANKENSTEIN</i> E SEUS LAÇOS NARRATIVOS	29
3.1 Solidão e melancolia: A infeliz existência da criatura do Dr. Frankenstein.....	31
3.2 A natureza como refúgio do sujeito melancólico.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

A obra de *Frankenstein*, da escritora inglesa Mary Shelley representa um marco para a literatura oitocentista de caráter gótico do século XIX. Revisitar esse romance de singular importância é ser convidado a rememorar a reunião dos jovens poetas que aconteceu numa luxuosa mansão localizada na Villa Diodati, próxima às margens do lago Genebra, na Suíça. A noite de 1816 ficou marcada na vida daqueles jovens que desafiados pelo anfitrião Lord Byron, se utilizaram do cenário bruxuleante causado pela grande tempestade que caíra para dar vida às suas respectivas histórias de terror. Byron e o Dr. Polidori criaram histórias de vampiros, respectivamente. Por outro lado, Mary se propôs a escrever uma história que fosse além dos vampiros dos seus amigos, mas que causasse enorme pavor no leitor.

A história de Shelley nos leva a pensar, em diversos pontos específicos, sobre a sua inominada criatura, cujo sopro de vida é dado no laboratório secreto do Dr. Frankenstein. Com a sua criatura, Shelley nos ensina a compreender melhor as questões relacionadas ao outro, como por exemplo, a aparência que é um dos principais motivos pelo qual sua criatura sofre a rejeição por parte das pessoas. É evidente que a sua disformidade, vai além do que aos olhos humanos é considerado algo normal. A aparência da criatura causa medo e horror em todas as pessoas que a viram. A reação de rejeição e pavor que as pessoas sentem diante da medonha visão da criatura, faz com que ela se isole de tudo e de todos, pois sua aparência faz com que ela seja tratada como uma ameaça.

A leitura de *Frankenstein*, também é uma oportunidade para conhecermos melhor a sua criadora. Mary Wollstonecraft Godwin era a única filha do famoso casal William Godwin grande literato e filósofo da época e da revolucionária feminista Mary Wollstonecraft. Após conhecer e se apaixonar pelo jovem poeta Percy Bysshe Shelley, torna-se sua amante e decide fugir com ele aos seus dezesseis anos. Depois de um certo tempo, Mary se une definitivamente a Percy e passa a utilizar o sobrenome Shelley que pertencera a seu marido. Mary era uma leitora perspicaz e tinha grande apreço por várias leituras, muitas delas influenciadas por seu pai que possuía uma significativa quantidade de livros. Toda a atmosfera intelectual, em que estava inserida, a fez construir um refinado arcabouço de leituras, dentre as quais, destacamos seu gosto pela mitologia grega, pois seu pai traduzia os mitos do grego para o inglês, para que ela pudesse lê-los.

O gosto pela mitologia grega, especificamente pelo o mito de Prometeu fez com que Mary se inspirasse na figura do titã para criar o título de sua obra prima, mas também utilizar alguns pontos do mito para corroborar com a sua obra. Apesar de o titã ser uma figura simbólica

do romantismo é importante ressaltar que a sua interpretação e função no romance de Shelley possui diferenças da reescrita do mito de Prometeu por Percy Shelley, bem como do poema de Byron. “Para eles, Prometeu não era um mito, mas uma realidade; não era um protótipo, mas uma ilustração da profecia que vinham anunciar” (BRITO, 2017, p. 20). Assim, nas suas respectivas obras, os poetas apresentavam um Prometeu distante daquele que fora apresentado por Ésquilo, pois na versão de Percy, Prometeu aparece desacorrentado, livre da punição imposta por Zeus.

A minha motivação em fazer este trabalho de pesquisa sobre *Frankenstein* surgiu no ano de 2018, em um evento acadêmico que se comemorava os 200 anos da publicação da obra em apreço. Meu primeiro contato com o romance de Shelley, obviamente surgiu de sua leitura, pois era necessária a realização da leitura e compreensão da obra que seria debatida durante aquela jornada. Inicialmente, fiquei encantado com a narrativa e com toda exaltação a natureza que é tão bem descrita pela autora, mas também pelos sentimentos sucessivos da criatura, que ora sente a relva suave do bosque, e ora fica furiosa por causa da rejeição que sofre por parte do seu criador e dos demais personagens. Outra motivação, que considero importante, foi as inesquecíveis aulas da disciplina de Introdução aos Estudos Clássicos, ministradas pela Profa. Dra. Michelle Bianca. A sua eficiente metodologia aliada ao transparente amor com que leciona e ensina sobre os clássicos, despertaram em mim um profundo interesse em trabalhar com os mitos.

Em *Frankenstein* pude encontrar a união de dois elementos que particularmente me conquistaram, o romance de Shelley e o trabalho com a mitologia, uma vez que *Frankenstein* contempla tais elementos. As histórias de horror e toda a carga psicológica com que são escritas, as diferentes abordagens, cujas intenções estão voltadas para temas que nos ajudam a refletir no ambiente acadêmico, sempre me chamaram atenção. Para além disso, ousou dizer que durante a leitura da obra de Shelley pude me encontrar e identificar com algumas situações vivenciadas pela criatura do Dr. Frankenstein, sobretudo pelo tema do abandono. Esse conjunto de elementos me fez mergulhar profundamente no romance de Shelley.

Além dos motivos elencados acima, pude perceber que existem diversas análises voltadas para *Frankenstein*. Entretanto, são poucas que direcionam um olhar para os elementos analisados neste trabalho. Além das várias (re)leituras realizadas da obra, a dissertação de mestrado de Soares (2015) e o artigo de Dantas (2019) colaboraram expressivamente para a minha pesquisa e ajudaram a elucidar as ideias dos elementos escolhidos que aqui serão apresentados em forma de análise e poderão contribuir ainda mais com a fortuna crítica de Mary Shelley.

Desse modo, o nosso trabalho tem como objetivo tecer uma análise sobre o romance gótico de *Frankenstein* a partir da personalidade melancólica da criatura. Na análise, discutiremos o elemento da melancolia, mas também tocaremos no elemento da solidão tão vivido pela criatura, quando ela própria narra sua história que se inicia no capítulo XI e é concluída no capítulo XVI. Através da personalidade revelada pela criatura do Dr. Frankenstein, encontraremos um sujeito sem nome e de aparência monstruosa, vítima dos ambiciosos desejos de seu criador, cujo sombrio conhecimento faz com que ele transgrida a ordem da natureza com a sua descoberta. “A fonte da vida e o que distinguia as coisas vivas das inanimadas foi um dos assuntos preferidos das tertúlias noturnas daquele verão” (BRITO, 2017, p. 17). Mary foi inspirada pelo tema da reanimação cujos experimentos do italiano Galvani estavam em evidência, dando origem ao Galvanismo, além disso, a autora também se volta os experimentos de Alessandro Volta, que ao discordar da teoria de Galvani sobre a animação de matéria por meio de eletricidade, cria a primeira pilha a base de eletroquímica com cobre, zinco e ácido sulfúrico, que mais tarde seria conhecida como a pilha voltaica.

É importante salientar que este trabalho está organizado em três capítulos, cujo o objetivo é traçar uma sequência contextualizada, a fim de que ajude o leitor a compreender as ideias que serão apresentadas em cada sessão. Sabemos que a obra de Shelley possui um grande escopo. Por isso, no terceiro e último capítulo, apresentamos um texto analítico sobre a criatura do Dr. Frankenstein, assim como seu sofrimento vivido na solidão da noite.

No primeiro capítulo, intitulado *A Catábases de Mary Shelley* apresentamos uma perspectiva geral da autora, por este motivo trazemos a ideia de *catábases* como topos na literatura greco-romana, representando assim a descida do herói ao submundo, a fim de que ele possa adquirir conhecimento e preparação em um universo além do natural. Dessa maneira, esse capítulo tem como objetivo abordar não apenas a autora, mas também apresentar seu percurso no mito que a inspirou escrever sua obra e tratar de questões voltadas para o romance gótico. Para isso, nos apoiamos teoricamente nos trabalhos de Sousa (1995), Eliade (2016), Dantas (2019), Burgess (1958), Soares (2015), França (2017), (2009), acrescido da contribuição de outras leituras.

No capítulo segundo, intitulado *A Gênese melancólica sob a perspectiva dos antigos mestres*, concentramos as discussões em torno da historicidade da melancolia, uma vez que apresentamos um panorama histórico dessa patologia que se inicia com a criação de vários tipos de tratamentos pelos médicos gregos, cujo objetivo era buscar uma forma de curar os doentes da melancolia. É possível perceber que cada médico nos orienta e prescreve um tratamento diferenciado, pois em alguns casos os entendimentos divergem. Na verdade, cada médico

possuiu uma forma de tratar e cuidar do paciente acometido de melancolia e isso perceptível quando nos debruçamos sobre esse capítulo e todo o percurso realizado. Além disso, também trazemos uma abordagem que diz respeito a melancolia na literatura. Para tratarmos dos aspectos históricos da melancolia, nos ancoramos em Starobinski (2016), Scliar (2003) e Freud (1917).

No terceiro capítulo, está a análise de *Frankenstein*, em que destaca-se a criatura como sujeito isolado, deslocado e que sofre a rejeição do seu criador e dos moradores do chalé. De aparência horrenda, a criatura do Dr. Victor Frankenstein se encontra sozinha no mundo sem o apoio ou atenção de seu próprio criador. Acentuamos a solidão e o abandono da criatura, como também a colaboração da natureza, cujo cenário ressalta a tristeza e o sofrimento vivenciado pela criatura. A abominável criatura sofre com a sua rejeição por parte dos seres humanos e sentindo-se sozinha busca seu criador com o intento de fazer com que ele se compadecesse do seu sofrimento e lhe desse uma companheira, mas Victor se recusa a tal feito e a criatura passa a vingar-se de seu criador matando os entes queridos a fim de que ele também pudesse amargar a solidão.

Capítulo I

1 A CATÁBASES DE MARY SHELLEY

Quos volunt di perdere dementant prius.

Eurípedes

Realizar a leitura de *Frankenstein*, ou o Prometeu Moderno, obra prima da escritora inglesa Mary Shelley, é ser convidado a rememorar a noite escura daquele verão de 1816, no qual foi considerado como “o ano sem verão”, por causa de um inverno vulcânico, mas, sobretudo, é aceitar o convite de Lord Byron em que cada um daqueles jovens deveriam escrever uma história que dialogasse com os nossos próprios medos, com os mistérios da natureza humana e que provocasse um tremendo sentimento de horror no leitor.

Inicialmente, neste primeiro capítulo, lançaremos luz sobre a autora, uma vez que também apresentaremos, de forma sucinta, a ideia de *catábases*, considerando que este termo de origem grega é tido como *topos* na literatura greco-latina, representando assim, a descida do herói ao submundo, para que ele adquira conhecimento e preparação em um universo além do natural. Para Sousa (1995), uma *catábases* é o superfato do mito de um ritual de “passagem”. Essa prática permite ao herói crescimento e experiência, o levando a outro *status* de herói, fazendo-o digno para a completude de sua missão como o profundo percurso (passagem) que Mary Shelley fez no mito de Prometeu para construir seu personagem e obra. Conforme o entendimento de Sousa (1995):

As *catábases* da tradição literária greco-latina ou do oriente próximo, chegam-nos cifradas em aventuras que todas as demais superam. Primeiro, são os deuses, depois alguns heróis; mas do comum dos homens não se conta que algum tenha descido aos Infernos. [...] o mesmo dissemos que uma *catábases* descreve a transcensão da comum experiência humana, - o que se dá sempre que, no limite de um mundo, se veja o limiar de outro (SOUSA, 1995, p. 26).

Sabemos que Mary Shelley se debruçou intensamente nas leituras dos mitos gregos, pois seu pai William Godwin traduzia do grego para o inglês, para que ela pudesse ter contato com as obras clássicas, que, até hoje, ainda são intensamente estudadas. Dessa forma, Shelley acaba se inebriando com o mito de Prometeu, o qual aparece no título de sua obra prima.

De acordo com a mitologia, Prometeu foi um titã que roubou o fogo dos deuses, para dar aos homens e, por isso, fora punido por Zeus sendo acorrentado num rochedo do Cáucaso e todos os dias teria seu fígado devorado por um águia durante trinta mil anos, porém seu órgão sempre se restaurava ao anoitecer. A centelha do fogo celestial que fora roubado e colocado em uma férula oca pelo próprio deus-titã era a história preferida da infância da autora, visto que seu pai estava sempre traduzindo e publicando diversas coletâneas de mitos clássicos. De acordo com o mitólogo Eliade (2016), podemos compreender que:

O mito é uma questão da mais alta importância, ao passo que os contos e as fábulas não o são. O mito lhe ensina as “histórias” primordiais que o construíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo afeta diretamente (ELIADE, 2016, p. 16)

Nesse sentido, vemos que o mito de Prometeu se reveste de um profundo significado na obra de Shelley, uma vez que é a partir dele que ela inicia uma jornada de escrita, até dar vida a sua obra. Ela também tomou por base outros estudos de caráter cientificista, expressos através do personagem Dr. Victor Frankenstein que reflete claramente tais influências, como, por exemplo, as especulações criadas em torno da reanimação de um cadáver a partir da aplicação de fortes correntes elétricas. Na obra, o Dr. Frankenstein demonstra estar obcecado por ideias que, para a realidade humana são consideradas impossíveis, mas seus pensamentos sombrios o fazem não desistir de seu tenebroso desejo de dar vida ao que está morto.

No enleio entre a figura de Prometeu e o Dr. Victor Frankenstein, encontramos em comum aquilo que entre ambos é proibido. Em um primeiro plano, Prometeu, ou qualquer outro deus, é proibido de roubar a centelha de fogo para dar aos humanos, uma vez que estes são considerados como reles mortais. Por outro lado, o cientista Dr. Frankenstein não deveria ir contra as leis da natureza e rompê-las de forma insana. A respeito disso, Dantas (2019) afirma que:

Ambos os personagens violam suas posições. Prometeu, apesar de deus, não podia descumprir a ordem de Zeus, e Victor, apesar de cientista, não deveria usar seus conhecimentos para ‘brincar’ de ser deus. Não por parte deles, a medida das consequências de seus atos e daí decorrem os elementos trágicos e o ato de *hýbris* (DANTAS, 2019, p. 133).

Apesar das intenções entre os personagens serem distintas, ambos cometem o erro trágico, que se configura a partir da desobediência. Assim sendo, a narrativa de Shelley evidencia o teor trágico ocasionado pelo ambicioso desejo do Dr. Frankenstein, o qual inspirava ascender à condição divina de ser um deus criador de uma nova vida. Entretanto, a vida que criara lhe causou um infortúnio que jamais ele poderia imaginar, sendo castigado com perdas irreparáveis causadas pela sua própria criação.

Antes de partirmos para a análise da obra, convém apresentarmos um contexto em que o texto se insere. Quando Shelley trabalhava na escrita de sua obra, o gênero gótico estava em evidência na Inglaterra. Sendo assim, conheceremos a literatura gótica do século XIX e suas respectivas características.

1.1 A LITERATURA GÓTICA DO SÉCULO XIX

Quando falamos em gótico, logo podemos ligá-lo a um estilo arquitetônico, que marca os tipos de edificações europeias florescentes na Idade Média e representantes da negação à influência dos estilos greco-romanos. De acordo com Burgess, “a arquitetura gótica possui arcos pontiagudos e se desenvolveu na Inglaterra por meados do século XVIII” (BURGESS, 1958, p. 193). O gótico teve sua origem literária com a ascensão do gênero romance que teve grande relevância, principalmente na época em que começaram a ser publicados na Inglaterra. Foi nessa época que Mary Shelley surgiu com sua obra *Frankenstein*, por este motivo, a escritora em apreço pertenceu ao período oitocentista da literatura. A respeito disso, Soares (2015) diz que:

A publicação de *Frankenstein* ou moderno Prometeu de Mary Shelley. [...] O romance de Shelley incorpora o horror ao gótico de uma maneira que acelera o coração do leitor mais incrédulo e assim, acende uma luz no que diz respeito ao modo aterrador através do qual a literatura pode transcender as linhas do papel e atingir as formas de ver a sociedade e pensar suas intencionalidades (SOARES, 2015, p. 36-37).

Conforme exposto por Soares, podemos perceber que a função do horror gótico também é despertar, no leitor, sentimentos que só são possíveis se as linhas do papel forem transcendidas a partir do pensar e das intenções do próprio leitor implícito. Shelley se destacou com seu romance gótico por causa das peculiaridades da escrita feminina daquela época. Ela deu vida a um personagem inominado que amargava a solidão por causa de sua aparência horrenda, isso ocasionava uma sucessão de sentimentos provocados por esse isolamento, mas, sobretudo, por ser desprezado. Sobre a importância de Shelley e sua escrita, Soares (2015) corrobora que:

Outro ponto de interesse na obra da escritora Mary Shelley é o fato deste representar uma virada no estilo de escrita tanto feminina quanto gótica. Mesmo o romance clássico de horror tendo sido popularizado pela escritora Ann Radcliffe com *The Mysteries of Udolpho* e *The Italian*, a maior expressão desse gênero se configurou em *Frankenstein* de Shelley. O horror clássico havia se especializado em ambientações estrangeiras, castelos assombrados, cenários exóticos, mulheres perseguidas, ocorrências sobrenaturais, maldições de família, temáticas estas, no entanto, todas ausentes em *Frankenstein* (SOARES, 2015, p. 14).

É importante compreender a distinção que há entre a escrita feminina e a escrita masculina, uma vez que a escrita feminina desenvolveu características próprias. França (2017) nos lembra que a tradição do gótico de autoria feminina possui características narratológicas exclusivas, que, por conta da sua popularidade, difundiu-se na ficção ocidental. A partir deste ponto, nós podemos compreender que os elementos presentes no gótico feminino, inerentes, de maneira particular, na escrita de Shelley, nos fazem perceber que os interesses da mulher daquela época estão explicitamente visíveis em suas obras, principalmente o elemento do homem transgressor, além das tramas, dos segredos e das possíveis opressões. No caso de *Frankenstein*, quem está envolvido em toda trama é o Dr. Victor, que, com sua ambição científica, dá vida a uma nova criatura a qual nem ele mesmo consegue domar, ou seja, o elemento opressor é a própria criatura que o persegue até o fim.

Durante o período do movimento gótico na Inglaterra, depois da grande repercussão da publicação oficial da obra de Shelley, a crítica feminina passou a oferecer um lugar de destaque ao seu precioso livro, e o reconheceu como um dos grandes nomes da literatura inglesa e percussora do movimento gótico que naquela época encontrava-se em processo de apreciação por parte de crítica e seus leitores.

Mesmo com a presença de um patriarcado tão forte e consolidado na Europa, a escrita feminina não só de Shelley, mas de outras mulheres começaram a emergir e foram ganhando espaço na literatura de caráter gótico. Sobre a presença da escrita feminina Soares (2015) aponta:

A escritora inglesa do período romântico direciona seus escritos para aquilo que ela consegue lidar muito bem, o lado sombrio das relações dos homens em sociedade. A despeito do que era esperado de uma mulher escritora, ela vai bem mais além e se distancia daquele medo de não ser aceita, apesar de que muitas tiveram de escrever sob pseudônimos para conseguirem aceitação no mercado não somente no século dezoito mas no século dezenove também (SOARES, 2015, p. 25).

Enfatizamos também, que a obra de Mary Shelley já foi largamente estudada, sobretudo, por sua expressiva representação na literatura oitocentista de caráter gótico. Nesse sentido, entende-se que a mulher sempre sentiu a necessidade de escrever não apenas sobre o que sentia, mas também sobre o que via; e sobre tudo aquilo que despertasse interesse de maneira sentimental. O teor psicológico das histórias de horror fascina os leitores não só pelo desenrolar da narrativa, mas por sua intensidade que provoca no leitor sentimentos variados, a partir da sucessão de acontecimentos na narrativa. Sobre tais acontecimentos, França (2017) discorre:

A preferência pelo sobrenatural explicado fez com que o gótico feminino tivesse nos monstros humanos uma ameaça mais proeminente do que a ameaça ao sobrenatural. À medida que descobrimos os segredos por trás das manifestações das supostas assombrações, fica evidente que o perigo se

concentra nas perseguições vilanescas, nas tentativas de sequestros e nos atentados iminentes ao bem-estar e às virtudes das protagonistas (FRANÇA, 2017, p. 61).

No romance de Shelley, a criatura percorre caminhos tortuosos, e um dos primeiros sentimentos a nascer é o de vingança. Portanto, inicia-se uma série de perseguições aos parentes e familiares do Dr. Victor Frankenstein, sequestrando-os vários deles e, por conseguinte, os assassinando como forma de saciar sua fúria. A criatura segue os passos do criador e o faz amargar a dor da perda de cada ente querido que a sua própria criação mata friamente. Nos capítulos subsequentes, aprofundaremos as discussões em torno da criatura do Dr. Frankenstein, bem como do seu trágico percurso na busca pela efetivação dos seus desejos sombrios.

1.2 OS ATAVIOS MITOLÓGICOS EM *FRANKENSTEIN*

Podemos encontrar a influência dos mitos em diversos textos, mas na obra em apreço o seu próprio título nos mostra a forte presença como também a influência do mito na construção do romance gótico de *Frankenstein*. Sabemos que Shelley bebeu direto na fonte sagrada dos mitos clássicos, dentre eles, o mito de Prometeu.

De acordo com os estudos de Ésquilo (2009, p. 327), “Prometeu é um deus congênera (*SYGGNÉS*, cf. Pr. 14 e 39) de Hefesto, a saber, a arte metalúrgica, com que se fabricam cadeias e todos os meios de encadear e de prender”. O próprio Prometeu é encadeado com suas correntes, como também é preso em um local longínquo sendo ele excluído e abandonado do convívio dos imortais. A respeito dos fatos narrados nos mitos, Eliade (2016) nos explica que:

O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras (ELIADE, 2016, p. 11).

A partir do que Eliade expõe, percebemos a forte ligação de Prometeu na ação criadora do mundo, uma vez que, junto com seu irmão Epimeteu, foi o responsável por criar os animais e as demais criaturas da natureza. Por outro lado, Prometeu tornou o homem uma criatura superior a todos os animais e demais criaturas quando a ele deu o fogo. “Com esse dom, o homem assegurou sua superioridade sobre todos os outros animais.” (BULFINCH, 2015, p. 24). É importante ressaltar a atuação divina de Prometeu ao lado de seu irmão, diferente disso, o cientista de Mary Shelley não possuía nenhuma responsabilidade na ação criadora do mundo,

mas pelo contrário, Victor também era uma criatura. No entanto, ele possuía o desejo de ser pai criador, e conseguindo realizar seu desejo sombrio, acaba se deparando com o que ele jamais pensou em criar. A respeito disso, Dantas (2019) nos explica que:

A obra de Shelley nos propicia refletir sobre os vários ângulos das ações humanas, haja vista que o monstro não é apenas e necessariamente, a ‘criatura’, o inominável ser criado por Victor Frankenstein, como também ele mesmo o pode ser. O que nos motiva a reflexões sobre os limites da ciência e dos perigos das pretensões humanas, criando ‘monstros’ para a sua autodestruição fato ainda muito atual em nossos dias e, para tal conclusão, não é necessário muitos prolongamentos, basta observarmos ao nosso redor e vermos quantas criações do homem servem e serviram para a mesma finalidade (DANTAS, 2019, p.133).

De acordo com a compreensão de Dantas (2019), nós passamos a olhar para a obra de Shelley sob uma ótica diferenciada, principalmente no que diz respeito à questão de monstruosidade da criatura. Por essa razão, é importante salientar que neste trabalho não abriremos uma discussão aprofundada sobre a questão de monstruosidade, como também a forma que o Dr. Frankenstein se refere à sua criatura, chamando-o inúmeras vezes de demônio, visto que não é esse nosso objetivo de análise. Não que isso venha a passar por despercebido, mas optamos apenas por utilizar o termo “criatura”, uma vez que este possui uma melhor aplicabilidade para o nosso trabalho.

O mito de Prometeu percorre a obra de Shelley de maneira explícita, desde o título e até mesmo no próprio desenrolar da primorosa narrativa de escrita feminina do movimento gótico. É possível perceber que a presença do deus-titã no que diz respeito ao ato de criar e dar vida está intimamente ligado ao Dr. Frankenstein, mas quando esta relação parte para o resultado das ambiciosas ideias científicas do jovem estudante, podemos associar o deus-titã à criatura. Dessa forma, Shelley conseguiu imprimir a figura de Prometeu de maneira muito forte, pois é o mito que se ressignifica em sua obra. Conforme Brito (2017):

Mary era sábia. Utilizou imagens de maneira bastante apropriada, não para mostrar rebelião ou a audácia de desafiar os deuses, mas para contrastar a arrogância prometeica com a humildade sagrada face à natureza. Ela usa esse mito como analogia para expressar uma verdade fundamental sobre as perigosas consequências da busca e a da aquisição do conhecimento. Assim, *Frankenstein* torna-se uma fábula moderna para os riscos do orgulho intelectual desmedido (BRITO, 2017, p. 20).

As confluências entre Prometeu e a obra de *Frankenstein* são visíveis, pois a autora imprime algumas atitudes do deus-titã em seu personagem. Brito (2017) nos fala que a obra de Shelley se torna uma fábula moderna, pois como toda fábula sempre oferece uma lição, a autora também quis oferecer essa lição diretamente aos ambiciosos por conhecimento em demasia,

uma vez que o conhecimento além do comum foi o que levou o Dr. Frankenstein a dar vida a uma criatura que personificava o horror. Sobre isso, Brito (2017) corrobora:

A criatura sem nome, de aparência repugnante, ou criador, Victor Frankenstein, com seu egoísmo, seu orgulho e seus conhecimentos monstruosos, que desafia a natureza usurpando a tarefa de criar vida destruindo todos os seres que ama? Mary Shelley desafia o leitor a julgar o caráter de suas personagens e nos torna vigilantes dos elementos grotescos de sofreguidão, arrogância e autossuficiência que trazemos dentro de nós (BRITO, 2017, p. 20).

Ante ao que conhecemos do romance de Mary Shelley que problematiza o excesso de conhecimento, a vaidade e seus desdobramentos, como também o rompimento das leis da natureza, também é necessário nos ater a *Prometeu Acorrentado*. Os elementos trágicos presentes na tragédia de Ésquilo conseguem perpassar com fluidez pela escrita de Shelley. O deus que insulta Zeus por sua desobediência, é castigado tragicamente pela ira do senhor do Olimpo. Após transcorridos numerosos anos, Prometeu ainda sofre sozinho, acorrentado e isolado em meio aos limites entre o céu e a terra. Mesmo tendo ido contra as ordens de Zeus, sabemos que, após roubar o fogo, Prometeu passa a ser conhecido como benfeitor para os homens, uma vez que, em torno da chama do fogo, temos significados vários. A chama como sinal de luz e sabedoria para os homens e com isso o deus comprova seu amor por todos os mortais viventes.

1.3 A PHYSIS DE FRANKENSTEIN

Quando nos depararmos com a grandeza da obra de Shelley, é preciso que, assim como a autora, trilhemos um caminho para que possamos ter uma melhor compreensão de determinados momentos da narrativa que nos levam a refletir sobre os atos que se sucedem entre o Dr. Victor Frankenstein e a sua criatura. A publicação do romance de Shelley foi, para ela, um momento apoteótico, uma vez que no seu primeiro livro ela reuniu um volume de referências de suas leituras prévias, dentre elas o mito de Prometeu.

Em sua obra, encontramos um jovem cientista que, movido por seus desejos e grande ambição, passa a isolar-se no laboratório com o objetivo de fazer testes em cadáveres e tentar reanimá-los, ou seja, fazer com que um morto voltasse a viver. Suas primeiras tentativas o levaram à frustração, pois humanamente isso seria impossível, porém o jovem Dr. Frankenstein não desiste facilmente do que para muitos era considerado algo impossível de se realizar, mas

tomado por sua excessiva ambição, ele vai além dos limites da natureza humana para concretizar seu objetivo.

Confesso que nem a estrutura das línguas, nem o código dos governos, nem a política dos vários estados atraíam-me. Eram os segredos do céu e da Terra que desejava aprender. Ainda que ocupado com a substância externa das coisas ou com o âmagô da natureza e a misteriosa alma do homem, minhas investigações eram dirigidas para o metafísico ou, no sentido mais supremo, para os segredos físicos do mundo (SHELLEY, 2017, p. 54).

Podemos perceber que para dar vida a sua criatura, e já desvirtuado do mundo e de interesses comuns como línguas, governo e política, o Dr. Frankenstein vive em confinamento não apenas como uma forma de ocultar-se das outras pessoas, mas também de se proteger de possíveis especulações de seu amigo Henry Clerval em descobrir suas experiências científicas nas quais não eram permitidas pela universidade. Frankenstein estava movido pelo desejo de alcançar o absurdo e trabalhou durante dias para obter um resultado positivo de sua pesquisa, e para isso ele estava destinado a fazer de tudo para executar seus desejos ambiciosos, até que em um dia ele obteve os resultados que tanto esperava.

O que afirmo é tão verdadeiro quanto o sol que brilha nos céus. Alguns milagres tornaram isso possível; contudo, as etapas da descoberta eram nítidas e prováveis. Depois de incríveis dias e noites de trabalho e fadiga, obtive êxito ao descobrir a causa da geração de vida; mais que isso, tornei-me capaz de animar matéria sem vida. O espanto que primeiramente experimentei diante dessa descoberta logo deu lugar ao deleite e ao êxtase. Depois de muito tempo dispendido em um trabalho penoso, atingir de imediato o cume de meus desejos representava a consumação mais gratificante de minha labuta (SHELLEY, 2017, p. 68).

A partir do êxito com as suas ambiciosas experiências científicas, baseadas na reanimação de matéria sem vida, o jovem cientista passa a trabalhar arduamente para chegar ao ápice de seus experimentos, ou seja, a reanimação de um cadáver, mas nesse caso não seria apenas um cadáver qualquer, e sim a junção de diversas partes de restos mortais que por ele foram recolhidos. Inflamado por um entusiasmo desmedido e obcecado pela sua pesquisa, o Dr. Frankenstein passa a executar sua tarefa tenebrosa naquela noite escura de sua alma, e assim conseguiu conceber o horror diante de seus olhos. Conforme a narrativa:

Foi em uma noite de novembro que contemplei o sucesso de minha obra. Com uma inquietação que quase chegava à agonia, reuni ao meu redor os instrumentos vitais que pudessem infundir uma centelha de existência na coisa sem vida que jazia aos meus pés. Era quase uma da manhã; a chuva triste tamborilava nas vidraças e minha vela quase se apagava quando, por um bruxuleio de uma luz semiextinta, vi o olho amarelo e baço da criatura; ela respirou fundo e um movimento convulsivo agitou seus membros (SHELLEY, 2017, p. 75).

Assim como a autora iniciou a escrita de seu romance em uma noite fria e tempestuosa, nos deparamos com o personagem Victor Frankenstein fazendo seus experimentos de reanimação durante uma noite, e foi nessa noite que ele contemplou a sua criação proibida. O experimento do Dr. Frankenstein rompeu as barreiras da existência humana, pois ele conseguiu dar vida a uma horrenda criatura, que podemos considerar como um fruto proibido de suas pesquisas. Naquela época em que Shelley escreveu sua obra, a Inglaterra, como também outros países da Europa, estavam vivendo um período de intensa agitação científica. Havia diversas discussões em torno de temas científicos e pseudocientíficos, como o Galvanismo, a reanimação da matéria, entre tantos outros que estavam despertando interesse de estudiosos da área e também dos escritores.

A criatura do jovem cientista abre os olhos para um mundo o qual ainda não conhece, ela foge do laboratório e só depois reaparece para seu criador que a abandona. Conforme o tempo passa, a criatura vai desenvolvendo suas capacidades inatas, a exemplo da fala, bem como a compreensão da realidade a sua volta. “Tais pensamentos estimulavam-me e fizeram aplicar-me com novo ardor na aquisição da arte da linguagem” (SHELLEY, 2017, p. 137). Com o passar do tempo, a criatura encontra uma família que residia num pequeno chalé, que ela os chamava de seus protetores, nesse momento da narrativa, a criatura se abriga em uma casinhola que é uma espécie de cabana feita com pedaços de madeira. A criatura era gentil e durante a madrugada ajudava os moradores coletando lenha no bosque próximo ao chalé, e as deixava próxima a casa, pois os seus protetores não poderiam vê-la.

Admirava as formas perfeitas dos moradores do chalé: a graça, a beleza e as compleições delicadas, mas quão aterrorizado ficava quando me via refletido na transparência da água! De início, recuei, incapaz de acreditar que era, de fato, eu quem estava refletido no espelho. Quando enfim me convenci de que era, na realidade, o monstro que sou, fui tomado pelas sensações mais amargas de desânimo e mortificação. Ai de mim! Ainda não conhecia totalmente os efeitos fatais de minha deformidade miserável (SHELLEY, 2017, p. 126).

O ato de abrir os olhos para o mundo em que ela estava inserida, a fez perceber que a sociedade jamais poderia lhe aceitar, uma vez que sua aparência era absurdamente horrível, fruto de restos de matérias. A questão da aparência e da essência do que se tornou a criatura é um tema bastante recorrente na obra de Shelley, pois o próprio Dr. Frankenstein chamou inúmeras vezes a sua criação de demônio, além de algumas vezes utilizar o termo monstro.

Estava perplexo: uma penumbra toldou-me os olhos e senti que iria desmaiar, mas rapidamente recuperei-me com o vento gelado das montanhas. Note, conforme a figura se aproximava (uma visão medonha e abominável!), que se tratava do infeliz que eu criara. Tremi de ira e horror, decidido a esperar sua aproximação e, então, estreitar com ele um combate mortal. Aproximou-se; seu semblante sugeria uma angústia amarga, mesclada com desprezo e

malignidade; ao mesmo tempo, a fealdade sobrenatural já o tornava demasiado horrível para olhos humanos (SHELLEY, 2017, p. 112).

Aqui encontramos uma criatura frustrada que vaga pelo mundo com o objetivo de destruir tudo aquilo que seu criador ama, provocando nele uma série de sentimentos, como a ira, a dor, a angústia e o horror pelo profundo sofrimento das perdas sucessivas do Dr. Frankenstein. Por outro lado, vemos também, que ambos, criador e criatura, se sentem atormentados pelo que passam, o criador pelas perdas consecutivas e a criatura pelo seu desencantamento com o mundo e consigo mesmo devido a sua aparência abominável.

Sua incontrolável ambição pelo seu experimento científico de infundir vida em um cadáver inanimado, resultou em uma frustração sem tamanho para sua carreira como cientista, pois seu trabalho árduo de quase dois anos de dias e noites trancado em uma sala fez com que seu sonho se transformasse em um pesadelo. “Desejara esse projeto com um ardor que em muito excedia minha moderação; mas agora que terminara, a beleza do sonho se desvaneceu, e meu coração estava repleto de desgosto e horror”. (SHELLEY, 2017, p. 75)

O descontentamento com a sua infeliz criação o fez amargar o desprazer de um experimento que ele dedicou sua vida e durante quase dois anos privou-se da família e dos amigos para que pudesse concluir o seu trabalho. No entanto, o que ele achava que seria uma grande descoberta científica e que possivelmente lhe traria fama e reconhecimento, tornou-se seu maior infortúnio.

Oh! Nenhum mortal poderia suportar o horror daquele semblante. Uma múmia ressuscitada não seria tão medonha quanto aquele infeliz. Contemplei-o quando ainda não estava terminado; na ocasião, era feio, mas quando seus músculos e suas articulações foram capazes de se mover, tornou-se uma coisa tão horrenda que nem Dante poderia tê-la concebido (SHELLEY, 2017, p. 76).

O horror que sua criatura lhe causara era fora do comum, embora o próprio Dr. Frankenstein seu criador não a tivesse pensado dessa forma. “Como posso descrever as emoções ante a catástrofe ou como retratar o infeliz que com dores e cuidados infinitos esforcei-me por formar?” (SHELLEY, 2017, p. 75). Na verdade, seria impossível encontrar beleza na junção de restos mortais, pois o próprio Victor os recolheu e posteriormente juntou-os para a realização de seu projeto infeliz, que para ele na condição de criador, se tornou um grande malefício.

Capítulo III

2 A MELANCOLIA SOB A PERSPECTIVA DOS ANTIGOS MESTRES

Ⓢ objetivo deste capítulo é apresentar um panorama histórico sobre a melancolia, solidão e tristeza, para melhor compreendê-la e, em seguida, fazermos uma leitura do personagem da obra de Shelley, iremos nos ater à patologia que será analisada no terceiro capítulo. Pode-se perceber que ainda existe uma confusão em diferir a melancolia da solidão, como também, em alguns casos, se acrescenta o elemento da tristeza que cada vez mais vem ganhando evidência, essa tríade possui suas diferenças, porém, quando volvemos um olhar mais acurado, entendemos que um elemento se aproxima do outro, e isto acontece, pela maneira encadeada com que os sentimentos vão se desenvolvendo, ou seja, juntos.

De acordo com Starobinski (2016), a melancolia, como tantos outros estados dolorosos ligados à condição humana, foi sentida e descrita bem antes de ter recebido seu nome e sua explicação médica. Durante anos a melancolia foi e continua sendo objeto de pesquisa para a psicologia, bem como para a literatura. Uma doença capaz de atravessar vários séculos, mas que é mutável como a maioria das coisas que existem no mundo. Assim também podemos considerar a melancolia, pois ao longo do tempo a doença foi evoluindo, e cada vez mais os pesquisadores passaram a se debruçar para desenvolverem um tratamento para esta patologia mental.

Passaram-se os anos e começaram a surgir diversos tratamentos para serem utilizados em todos aqueles que apresentassem os sintomas da melancolia, e posteriormente fosse diagnosticado com a doença. Ante a isto, inicialmente, encontramos a presença do melancólico no canto IV da *Ilíada* (versos 200-3), estes versos cantam a história do corajoso herói Belerofonte, que de maneira inexplicável sofreu a cólera dos deuses. É evidente que na visão de mundo apresentada na epopéia escrita por Homero, a maioria dos acontecimentos são por vontade ou cólera dos deuses, a intervenção divina é um elemento muito presente nas epopeias e sempre acontece para o bem ou para o mal de algum personagem. Sobre isso podemos ver que:

Para se libertar de sua “negra” tristeza, o melancólico não tem outro recurso além de esperar se conciliar com o retorno da benevolência divina. Antes que

ele possa dirigir a palavra aos homens, é preciso que uma divindade lhe devolva a indulgência de que foi destituído. É preciso cesse essa situação de abandono. Ora, a vontade dos deuses é caprichosa (STAROBINSKI, 2016, p. 19).

A partir do que Starobinski nos mostra, percebemos que é por meio da vontade soberana dos deuses que tudo acontece no mito, pois eles são os regentes do mundo grego. A cólera dos deuses faz com que o herói Belerofonte fique imerso em uma grande tristeza, levando-o a um estado de profunda solidão e melancolia. Porém, foi na Grécia de Homero que surgiu a possibilidade de um tratamento à base de ervas egípcias combinadas com os sábios segredos das rainhas, a fim de produzir um insumo capaz de curar a doença. Para isso, era necessário seguir um rito, como colher as ervas, separá-las, espremê-las, misturá-las, e por último, guardar o sumo que fora extraído num recipiente para que o medicamento pudesse ser utilizado na esperança de curar ou apaziguar a tristeza.

Para além do que já foi proposto por Homero, o médico grego Hipócrates nos apresenta uma nova visão sobre a melancolia. Para ele, a doença está associada à bile negra, uma substância grossa, corrosiva e tenebrosa, que de forma literal ele decidiu denominá-la de melancolia. Hipócrates trabalhava com a ideia do desequilíbrio de humores, por isso ele citava o sangue, a bile amarela e a pituíta, como responsáveis por esse desequilíbrio. Para Starobinski (2016):

O estado que hoje chamamos de melancolia não é mais que múltiplas expressões do poder patogênico da bile negra, quando o seu excesso ou a sua alteração qualitativa comprometem a isonomia (isto é, o equilíbrio harmonioso) dos humores (STAROBINSKI, 2016, p. 20).

De acordo com a medicina hipocrática, que se ancorava no sistema dos quatro humores, presentes no tratado da natureza do homem, sendo este defendido por Políbio de Cós que era genro de Hipócrates, o tratado da antiga medicina também defendia uma variedade de humores. O cientificismo grego teve um papel importante para a aplicação de um tratamento que estivesse alinhado aos sintomas causados pelo desequilíbrio do humor, por isso, Hipócrates acreditava que o humor se derivava de uma determinada região do corpo, assim seria necessário aplicar um tratamento terapêutico para que o melancólico tomasse banhos em temperatura adequada, podendo ser mais quente ou mais frio e tivesse uma alimentação regrada.

Assim como Hipócrates, o enciclopedista romano Celso também possuía um método no qual se aliava aos tratamentos anteriores prescritos pelo seu antecessor. Para ele, seria interessante a aplicação de um tratamento psicoterápico levando o melancólico a um encorajamento a fim de que o doente pudesse melhorar o seu humor.

O melancólico deve ser alegrado, serenado: deve-se tentar devolver-lhe a sensação do seu valor. Para afastar suas convicções sombrias, deve-se agir de modo que o mundo se aclare e se suavize ao seu redor. A música é um bom meio de vivificar a atmosfera ambiente (STAROBINSKI, 2016, p. 30).

Celso também acreditava que a música poderia ser um ótimo remédio para os doentes e seus pensamentos tristes, por isso tocar sinfonias, címbalos e outros instrumentos poderiam levar o doente a se desvencilhar da tristeza. Sua pretensão era de fato, fazer com que o melancólico pudesse despertar desse sonho, ou seja, abrir os olhos para a realidade. Por este motivo, ele buscou se dedicar em tratar a insônia dos melancólicos, e pensando nisso, acreditava na eficácia da aplicação de uma mistura a base de unguento de açafraão com o de íris, a ser derramado sobre a cabeça do doente, e isso poderia funcionar melhor se aliado ao exercício de longas fricções na cabeça. Esse tipo de tratamento era considerado suave e ele também se preocupava em aconselhar o doente a fazer viagens, pois, para ele, os fatores ambientais poderiam ajudar na melhora do melancólico.

Por outro lado, temos também a doutrina médica de Sorano de Éfeso, que foi traduzida para o latim por Célio Aureliano. Sua doutrina estava relacionada a doenças agudas e crônicas. Diferentemente de Celso, ele desprezava as interpretações relacionadas ao humor na melancolia. De acordo com a visão clínica de Sorano, tudo estava ligado a um estado de estricção das fibras, cujos principais sintomas seriam a ansiedade e o abatimento, a tristeza, o silêncio e a animosidade com o próximo. Todos esses sintomas o faziam crer que o melancólico entrava em um estado de indecisão entre querer viver ou morrer, além de chorar sem razão e murmurar frases absurdas. Enquanto médico, ele percebeu que a região epigástrica ficava inchada, principalmente após as refeições.

Sorano rejeita tudo aquilo que seus antecessores canonizaram como tratamento para a melancolia. Ele desprezava o uso das drogas por achá-las violentas e perigosas, também rejeitou o jejum e o isolamento no escuro, além de achar a música um tanto charlatanesca. Dentre os tratamentos recomendados por Sorano, os cataplasmas tinham um destaque especial, pois ele considerava a melancolia como uma grave doença, que estava alojada no esôfago. Por isso ele defendia a eficácia da aplicação de cataplasmas entre omoplatas na região epigástrica. Entretanto, ele não negligenciava algumas medidas psicoterápicas, mas tais medidas terapêuticas deveriam ser bem aplicadas no indivíduo.

Sorano recomenda levar o paciente ao teatro. Que o melancólico vá ver peças alegres; que os loucos satisfeitos consigo mesmos sejam conduzidos a obras trágicas. Graças ao teatro, pode-se consolidar o tratamento por uma espécie de antidotismo afetivo (STAROBINSKI, 2016, p. 32).

Dentre os outros médicos que se debruçaram em buscar formas de tratar a melancolia, temos também, a importante figura do médico Areteu da Capadócia que apresentou diversos questionamentos sobre a doença. No que diz respeito à melancolia, Areteu acredita na possibilidade do heléboro ser o melhor remédio, porém, ele pode se tornar ineficaz se o indivíduo já estiver há muito tempo com a doença. No entanto, ele também não descarta o efeito benéfico de paliativos como os banhos com substâncias medicinais. Para Areteu, a utilidade do banho ajuda no amolecimento da pele ressecada dos melancólicos, pois o tempo do banho em águas termais deve ser longo, afim de causar uma sensação agradável aos doentes.

Muitos médicos criaram e indicaram meios de tratar a melancolia, entre eles o médico romano Galeno, que com relação aos outros médicos, não nos traz nenhuma inovação no quesito de prescrições terapêuticas. De acordo com a medicina galênica, a melancolia é decorrente da bile negra. Assim, isso faz com que a teoria dos humores seja recusada ou questionada pelas escolas antigas. Galeno entende que a bile negra se manifesta e se desenvolve em diferentes lugares do organismo, podendo provocar diversos sintomas, por isso que o médico romano defende veementemente a teoria dos vapores. Essa teoria nos explica que as fumaças que sobem do estômago podem ser ideias negras ou alucinações sofridas pelo melancólico. Essa afecção melancólica está alojada no estômago e nos demais órgãos digestivos, ocasionando exalações de vapores. Tenho conhecido o percurso já realizado pelos médicos gregos e seus métodos para a tratar a melancolia, no tópico seguinte, veremos como a melancolia se manifesta na literatura através dos personagens.

2.1 MELANCOLIA E LITERATURA

São muitas as confluências que estabelecem uma relação entre melancolia e literatura. Os gregos já discutiam sobre esse tema, e a presença do elemento melancolia em obras literárias começaram a aparecer com certa recorrência, principalmente em obras provenientes do continente europeu. O uso da melancolia como doença mental, pode ser facilmente notado em alguns personagens, pois essa patologia, uma vez inserida em uma narrativa, poderia tornar-se um elemento chave para que o autor pudesse trabalhar os sentimentos, como também as emoções nos personagens.

Para que os autores pudessem inserir a melancolia no teor psicológico da obra, o personagem evidentemente deveria apresentar os sintomas. É válido ressaltar, que se faz necessário sabermos a distinção entre melancolia, tristeza e solidão, pois ambas se complementam. A melancolia vai despertando outros sentimentos e isso ocorre conforme a

doença vai se intensifica e evolui no personagem de uma determinada narrativa. Ao discutir a presença da melancolia na literatura brasileira, Moacir Scliar (2003) apresenta a diferença de melancolia e tristeza da seguinte forma:

A melancolia deve ser diferenciada da tristeza, reação até certo ponto normal aos embates da existência. Melancolia não é o banal tédio, que “nos remete para o real, para o tempo, mas não para o jogo do tempo, como a melancolia”; no tédio, o tempo não passa, “roda invariavelmente em torno de si mesmo” (SCLIAR, 2003, p.56).

Assim, percebemos que a melancolia não é a tristeza, uma vez que a tristeza é um sentimento que de acordo com Scliar (2003) seria normal. Além disso, também é necessário sabermos que a melancolia também difere da depressão. Os personagens depressivos devem apresentar sintomas ou características psicológicas de acordo com a depressão, pois geralmente, a depressão é causada em decorrência de algum acontecimento ruim. Assim sendo, Scliar (2003) também nos apresenta como a depressão se manifesta:

A depressão se manifesta por tristeza permanente, não raro combinada com ansiedade, sentimentos de desesperança e desvalia, perda de interesse pelo trabalho, pela diversão, pelo sexo, cansaço, dificuldade de concentração, sonolência ou, ao contrário insônia, perda de apetite, ou, ao contrário, necessidade de comer, pensamentos de morte e de suicídio (SCLIAR, 2003, p. 57).

Vemos, portanto, que a depressão se manifesta através de diversos sintomas incluindo a tristeza. Muitos autores fizeram uso dessa patologia para criar personagens que apresentassem um quadro depressivo. Podemos encontrar diversas obras com teor psicológico, dentre as quais destaca-se *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang Von Goethe que, apesar de ser filósofo, Goethe sempre demonstrou paixão pela literatura.

Na obra do escritor alemão, a melancolia se manifesta de maneira explícita nas cartas que o protagonista troca com seu amigo e confidente, mas também por suas ações que corroboram expressivamente para que esse estado psicológico se consuma no desenrolar da obra. Por outro lado, em *Frankenstein*, quando a criatura lê o romance de Goethe, se harmoniza com os sentimentos de Werther, percebemos que a partir daí existe um processo de identificação. Freud (1917) apresenta um entendimento sobre a melancolia, no qual podemos aplicá-lo a partir dos sintomas que esse sujeito triste revela cada vez mais dentro da obra, chegando ao ápice no desfecho. De acordo com Freud:

Os traços distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-

envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição (FREUD, 1917).

Em sua fala, Freud (1917) nos mostra que para a melancolia ser concretizada, é necessário notarmos os traços mentais distintivos que devem aparecer no sujeito melancólico. Entretanto, um dos traços elencados pelo psicanalista é a “perda da capacidade de amar”. No caso da obra de Goethe, o personagem protagonista Werther não desenvolve esse sintoma, mas, pelo contrário, ele ama excessivamente a sua querida Carlota até seu último momento.

Dessa forma, pensar sobre melancolia na obra de Goethe, é pensar na atmosfera psicológica que envolve toda a sua narrativa, que naquela época foi um divisor de águas. Além disso, muitos jovens que leram *Os Sofrimentos do Jovem Werther* cometeram suicídio e naquela época, por este motivo, a obra foi proibida na Alemanha como forma de conter as muitas mortes provocadas pela leitura do romance.

Segundo Scliar (2003), o tema melancolia era utilizado com grande recorrência pelos autores românticos. Por outro lado, no Brasil, encontramos a melancolia no realismo machadiano. Não apenas Machado de Assis, mas outros autores brasileiros se interessaram pelo elemento melancólico afim de evidenciar essa doença em seus respectivos personagens. A melancolia, a tristeza, a depressão e a solidão sempre estiveram juntas desencadeando reações em que as obras literárias refletem de maneira clara e límpida.

Capítulo III

AS DOBRAS DA ESCRITA: *FRANKENSTEIN* E SEUS LAÇOS NARRATIVOS

A narrativa de caráter gótico se caracterizava pela sua forma de se apresentar ao leitor. Sabemos que o movimento gótico possuía uma forte ligação com a arquitetura que se encontrava em destaque. O romance gótico apresentava uma série de elementos próprios das edificações, pois era comum o leitor se deparar com castelos mal assombrados, figuras fantasmagóricas, famílias que carregavam maldições e porões escuros. Esses elementos colaboravam para a criação de uma atmosfera misteriosa em torno dos acontecimentos de uma determinada narrativa.

Em *Frankenstein*, Mary Shelley reúne diversos atributos de sua época, evidenciando assim o cientificismo, a alquimia entre tantos outros aparatos que fora utilizado pela autora, mas que naquele momento possuíam destaque. No entanto, vemos que a autora faz uso de um conjunto de elementos importantes, uma vez que estes cumprem a função de causar o horror no leitor.

Para compreendermos o narrador na obra de Shelley, é necessário observamos o percurso que ele faz e como se apresenta. Dessa maneira, concordamos com Soares (2015):

Mary Shelley cria sua história construindo um contexto onde os fatos estranhos sejam compreendidos como reais ou plausíveis. Sua estrutura permite ao leitor tirar suas próprias conclusões sobre a monstrosidade das ações ocorridas sem a interferência direta de um narrador onisciente, já que a história é contada através de cartas e/ou oralmente pelos sujeitos que participam da ação (SOARES, 2015, p. 87).

Em *Frankenstein*, nos deparamos com uma narrativa dividida em três níveis principais, o primeiro diz respeito às cartas de Robert Walton que são enviadas para sua irmã, Margaret Saville, que reside na Inglaterra. Nas cartas estão os relatos do Dr. Victor Frankenstein, que podemos considerar como núcleo central da obra. São as cartas de Walton que iniciam e concluem os vinte e quatro capítulos do romance de Mary Shelley. Em seguida nos deparamos com outras cartas que são endereçadas a noiva, como também ao pai do jovem cientista. O Dr. Victor Frankenstein cumpre o papel de narrador em primeira pessoa, uma vez que ele só pode narrar aquilo que conseguiu presenciar, como o momento do despertar da criatura. E por último, temos os capítulos que são narrados pela própria criatura, que expressa para o seu criador todo

o amargor de sua infeliz existência, deixando sempre muito claro a sua não aceitação na sociedade por causa de sua aparência. De acordo com Soares:

A narrativa é conduzida pelas molduras que constroem uma espécie de camadas cronológicas dos fatos ocorridos: na camada externa estão os relatos de Walton para sua irmã, que, na verdade, concentra as narrativas dos outros personagens; na camada interna está a narrativa de Victor Frankenstein que conta para Walton a sua experiência enquanto explorador dos segredos da criação da vida e superação da morte; na camada mais interna, a Criatura, depois de um momento crucial, conta sua história a Victor. A história da Criatura é narrada a Victor que por sua vez, conta a Walton, e este último, baseado em anotações corrigidas posteriormente por Victor, repassa a história em carta para a irmã, finalizando o romance. Assim, a história da Criatura é a única, dentre os personagens, que é mediada por dois narradores (SOARES, 2015, p. 88).

Assim, de acordo com a tabela, podemos compreender melhor a estrutura da obra, assim como seus narradores:

FIGURA 1 – Narrativas encaixadas em Frankenstein

Cartas	Capítulos 1-10	Capítulos 11-16	Capítulos 17-24	Cartas
Walton	Victor	A criatura	Victor	Walton

FONTE: RODRIGUES e LUCAS (p. 2)

A respeito da estrutura na obra de Mary Shelley, Soares (2015) nos diz que:

Essa estrutura de camadas alojadas uma dentro de outra sublinha um recurso de encaixe que envolve sempre aquele que escuta e o que fala. Cada ato da narração no romance implica certo laço ou contrato entre os interlocutores sobre os motivos do contar. Aquele que conta espera tanto ser compreendido como uma reação daquele a quem conta. O que molda duas questões que exercem grande poder ao longo da narrativa: o ponto de vista e o discurso. A linguagem é crucial, especialmente para a Criatura que conhece a si e o mundo a sua volta através dela, fato que conhecemos tanto pela narrativa de Victor quanto pelo sua própria (SOARES, 2015, p. 88-89).

As camadas que se alojam por meio do recurso de encaixe, criam uma tessitura na qual gera um encadeamento coerente das informações que vão se sucedendo ao longo de cada capítulo. Esse recurso utilizado na obra de Mary Shelley colabora para o enriquecimento de sua narrativa, mas também marca o estilo de uma escrita primorosa utilizada pela autora e acentua ainda mais seu intelecto e genialidade. O encaixe no romance de Shelley se reveste de singular importância, pois conseguimos notar não apenas a divisão das cartas escritas por Walton, além dos capítulos que culminam para a saga vivenciada pela criatura do Dr. Frankenstein, até o desfecho narrado mais uma vez no gênero carta pelo capitão Walton:

O desenvolvimento de sua história, no entanto, direciona ainda mais ao centro, onde se encontra o âmago do enredo, a narrativa da Criatura, que é o ponto alto do romance. Embora as reivindicações e sofrimentos da Criatura estejam em discurso direto, em primeira pessoa, não podemos esquecer que se trata de um

relato feito por Victor Frankenstein ao Capitão Walton, que, finalmente, escreve a história nas cartas à irmã. Walton é assim, o escritor dentro da própria obra que escreve para quem está fora dela, a irmã, Margaret Saville (SOARES, 2015, p. 89).

O romance possui um forte teor descritivo e, na medida em que os fatos vão se sucedendo, a narrativa vai ganhando cada vez mais intensidade. Após as cartas de Walton, nos deparamos com os relatos do jovem cientista que narra seu ambicioso desejo até a materialização daquilo que posteriormente ele irá condenar. Após a noite da infeliz criação, a criatura do Dr. Frankenstein passa a protagonizar uma série de acontecimentos trágicos, como a morte do irmão do cientista, do seu amigo Henry Clerval e também de sua esposa. A criatura desperta um profundo desejo de vingança e faz com que seu criador sinta dia após dia as dores da perda de seus entes queridos e a destruição de suas esperanças.

Matei seres adoráveis e desamparados. Estrangulei o inocente enquanto dormia e apertei com força o pescoço que nunca causal mal a mim ou a qualquer outro ser vivente. Entreguei meu criador, um espécime em tudo digno de amor e admiração entre os homens, à miséria. Persegui-o até a ruína irremediável. Eilo aqui; jaz alvo e gélido pela morte. Detesta-me, mas seu desdém não se equiparam ao que nutro por mim mesmo. Olho para as mãos que executaram o ato. Penso na alma em que ele foi imaginado e anseio pelo momento que tais mãos encontrarão meus olhos, quando a imaginação não assombrará mais meus pensamentos (SHELLEY, 2017, p. 225).

Por fim, retornamos para as cartas de Walton que narra a fase final da obra de Shelley. A partir daí, vemos que Victor já se encontra na embarcação do explorador, mesmo estando debilitado, o Dr. Frankenstein ainda conserva o desejo de vingar-se dos entes queridos e de pôr um fim em tudo que lhe atormenta. Moribundo, o jovem cientista não consegue reunir forças para executar sua tarefa e mais uma vez sente-se impotente por se encontrar em uma situação delicada. Em seu leito de morte, a criatura aparece para seu criador, e o capitão Walton assiste o diálogo e as últimas palavras de ambos. É possível perceber que comovente situação, gera o arrependimento na criatura que também decide ir em busca do seu fim entre as geleiras do ártico.

3.1 SOLIDÃO E MELANCOLIA: A INFELIZ EXISTÊNCIA DA CRIATURA ABOMINÁVEL DO DR. FRANKENSTEIN

Na narrativa de Shelley fica clara o obscurantismo das intenções do Dr. Frankenstein, a partir de seus conhecimentos científicos aliados aos seus experimentos laboratoriais, o jovem cientista buscou soprar a centelha da vida sobre matéria morta. Foi com esse intento que naquela noite ele alcançou a realização de seu plano e trouxe à vida uma criatura. O próprio Dr.

Frankenstein na sua condição de criador é o primeiro a reconhecer seu ato diante de sua criatura, como também se inclui como maldito pelo que cometera. “Amaldiçoado seja o dia, abominável demônio, em que vi a primeira luz! Malditas (embora eu me amaldiçoe) as mãos que o formaram! Fez de mim um desgraçado indescritível” (SHELLEY, 2017, p. 114).

Nos capítulos narrados pela criatura, percebemos que durante o período inicial de sua existência, muitos foram os sentimentos pelos quais ela foi tomada, uma vez que não possuía nenhum conhecimento sobre o mundo e tudo que nele existe. A criatura que perambulava sozinha na escuridão da noite ia aos poucos se descobrindo naqueles instantes iniciais em que abria os olhos para o mundo. “Era um desgraçado pobre, desamparado, miserável. Nada compreendia e distinguia, mas a dor, essa sim, invadia-me por todos os lados. Sentei-me e chorei” (SHELLEY, 2017, p. 117). A natureza era testemunha de sua tristeza e solidão, como também a acolhia com seus frutos dos quais quando sentia fome costumava se alimentar e a água do riacho que bebia quando sentia sede.

A solidão é um ponto em comum entre criador e criatura, pois ambos ficaram sozinhos. Em um primeiro momento, encontramos o Dr. Frankenstein isolado de tudo e de todos. O seu isolamento e, conseqüentemente, sua solidão, se deu por escolha própria, pelo fato de que seus amigos e familiares não poderiam descobrir seus planos. Por outro lado, após chegar ao mundo de maneira infeliz, a criatura passa a isolar-se não porque isso era seu desejo, mas a sua aparência horrenda lhe obrigava a isolar-se da sociedade, uma vez que em hipótese alguma ela seria aceita e bem vista. Podemos dizer que sua aparência é a raiz dos seus problemas, pois se não fosse por este motivo abominável, certamente ela poderia vir a ter aceitação por parte das pessoas. Sua forma anormal fazia com que todos que a vissem sentissem repulsa e horror por aquela figura disforme, por isso causava repugnância.

A criatura do Dr. Frankenstein nasceu de um infortúnio e isto pode ser percebido por todos os fatos de sua trajetória que ela mesma narra. O seu complexo de inferioridade por causa de sua aparência é deveras natural, foi o próprio Victor seu criador quem a fez assim, e sua criatura não possuía sequer o mínimo do belo. Esse contraste de beleza é bastante visível quando recorremos ao mito de Narciso, um jovem de beleza inigualável que a todos encantava, mas ao olhar seu reflexo no lago de águas cristalinas ficou imóvel ao contemplar sua própria beleza e lá ficou até se tornar uma flor. A autora se utiliza desse contraste do belo no mito para mais uma vez confirmar a horrível aparência da criatura, uma vez que a ideia de beleza está associada à perfeição física, ausência de deformidades.

Admirava as formas perfeitas dos moradores do chalé: a graça, a beleza e as compleições delicadas, mas quão aterrorizado ficava quando me via refletido na transparência da água! De início, recuei incapaz de acreditar que era, de fato, eu quem estava refletido no espelho. Quando enfim me convenci de que era, na realidade, o monstro que sou, fui tomado pelas sensações mais amargas de desânimo e mortificação. Ai de mim! Ainda não conhecia totalmente os efeitos fatais de minha deformidade miserável (SHELLEY, 2017, p. 126).

A partir do momento em que a criatura se dota de conhecimento, cada vez mais ela atesta a sua deformidade. Seu desejo era ser aceita pelas outras pessoas, no entanto, isso não é possível. Todos os personagens que tiveram contato com a criatura lhe condenavam por sua horrenda aparência, inclusive seu próprio criador que o chamava de demônio. A criatura passava o dia escondida em seu casebre, para se proteger das ameaças das pessoas que a vissem. Sua liberdade era sob o brilho da lua, a noite era segura, embora ainda fosse necessário ter alguns cuidados, porém era durante a noite que ela podia sair e contemplar os astros, as árvores e tudo que a natureza podia oferecê-la.

Cada vez mais que a criatura obtinha o conhecimento necessário para compreender a realidade em que estava inserida, maior era sua frustração. “Não posso descrever a você a agonia que essas reflexões me infligiam. Tentei afastá-las, mas o pesar aumentava com o conhecimento” (SHELLEY, 2017, p. 131). A partir dos conhecimentos obtidos através da leitura, a criatura percebeu que não se encaixava no padrão daquela sociedade que prezava pelos bons modos e, sobretudo, pela boa aparência. Vemos um sujeito deslocado sem nenhuma aceitação por parte dos homens e isso o levou a sentir um profundo desgosto e aversão pelo ser humano.

E o que era eu? Ignorava totalmente minha criação e meu criador, mas sabia que não tinha dinheiro, amigos e nenhuma espécie de propriedade. Era, ademais, dotado de uma figura abominavelmente deformada e detestável. Não pertencia nem à mesma natureza que o homem. Era mais ágil e podia subsistir com uma dieta mais escassa. Suportava os extremos do calor e do frio com menos danos ao meu corpo; minha estatura era maior que a deles. Quando olhava ao redor, não via ou ouvia ninguém como eu. Será que, então, era um monstro, uma nódoa na face da Terra, da qual os homens corriam e a quem todos repudiavam? (SHELLEY, 2017, p. 131).

Encontramos a criatura totalmente afugentada e frustrada, cada vez mais que aprendia mais estranhava a natureza do conhecimento, assim como também aquilo que sentia quando descobria novas coisas. Mesmo tendo ciência de sua condição e miserabilidade, a criatura buscava sempre ajudar os moradores do chalé que carinhosamente os chamou de seus protetores. O velho De Lacey, Ágata, Félix e Safie eram as pessoas com as quais ela queria ter aproximação. Seu desejo era que, mesmo possuindo uma aparência abominável, seus protetores a aceitassem. A criatura conseguiu aproximar-se do velho, pois este era cego, acometido pela

deficiência visual, o velho do chalé manteve um curto diálogo com a criatura que já havia aprendido a língua francesa para comunicar-se com seus protetores.

Tomada por um grande receio, os filhos do velho chegaram e se depararam com tamanha fealdade. “(...) Fechariam a porta para alguém que, embora monstruoso, clamasse pela sua compaixão e amizade?” (SHELLEY, 2017, p. 140). A reação não foi a esperada, a criatura precisou fugir apressadamente para que não fosse machucada por Félix. Aquela cena lhe fez amargar mais uma vez a dor do desprezo. A criatura estava predestinada a vagar sozinha pelo mundo, se isolando na natureza para que assim ninguém pudesse vê-la. O seu coração dilacerado de dor, a levou a uma profunda tristeza e durante a noite era possível ouvir seus uivos de tão grande penúria.

É possível perceber que é através dessa solidão, que de início é causada pelo seu criador que a condena desde a sua gênese. “Execrável criador! Por que fez um monstro tão odioso que até você me dispensou com repugnância?” (SHELLEY, 2017, p. 139), e posteriormente ao Dr. Victor Frankenstein todas as pessoas com as quais a criatura tivera contato também reagiram de maneira grosseira, com espanto, horror e medo. Após todas as leituras realizadas em sua casinhola, a criatura se convenceu de que não existia semelhanças entre ela e os homens, pois se houvesse, jamais seria rejeitada por todos.

Uma vez que compreendemos que a questão da aparência se coloca de maneira crucial, também é importante que a própria criatura tece comentários a respeito da sua não semelhança com seus protetores do chalé. Além disso, a sua monstruosidade corrobora de forma significativa para tamanha rejeição das pessoas que a veem. Mesmo possuindo uma aparência horrenda, ela sentia a necessidade de ser reconhecida socialmente. “Meu coração clamava por ser conhecido e amado por aquelas criaturas adoráveis: ver seus olhares cativantes voltados para mim com afeto era minha maior ambição” (SHELLEY, 2017, p. 141). A aceitação da criatura por parte da família De Lacey seria uma grande conquista, pois isso a libertaria de sua solidão cotidiana.

Estando a criatura solitária, ela atraiu seu criador para um encontro com o objetivo de dialogar, a fim de que ele lhe concedesse a oportunidade de narrar tudo aquilo que se sucedeu depois de ter fugido do laboratório, e ao mesmo tempo lhe propôs que deixaria os seus parentes em paz se ele a desse uma companheira. É notável que a criatura dotada de conhecimento e após ter lido *Paraíso Perdido*, de John Milton, percebe que Deus criou o homem (Adão) e

posteriormente viu que ele estava sozinho no Éden e a partir dele criou a mulher (Eva) e ambos eram semelhantes.

Como Adão, estava aparentemente unido a nenhum outro ser existente, mas esse estado era muito diferente do meu em todos os outros aspectos. Ele viera das mãos de um Deus, uma criatura perfeita, feliz e próspera, protegido pelo cuidado especial de seu criador. Podia conversar e adquirir conhecimento de seres da natureza superior; mas eu era um infeliz, desamparado e solitário. Não raro considerei Satã como um símbolo mais apropriado para minha condição, pois diversas vezes, como ele, quando via a satisfação de meus protetores, exasperava uma inveja acre dentro de mim (SHELLEY, 2017, p. 139).

Cada vez mais a criatura acentua a negligência e a repulsa de seu criador para consigo, pois vemos que com o conhecimento adquirido ao longo de suas leituras e especificamente a obra de John Milton já mencionada, a criatura faz uma comparação com Adão, cujo Deus, seu criador, viu que ele se encontrava sozinho e lhe deu uma companheira, para que assim pudessem viver juntos. Por outro lado, o “deus” da criatura agiu com indiferença e não manifestou nenhum interesse em ser solidário com o monstro o qual soprou vida. A existência de uma companheira poderia diminuir seu sofrimento de isolamento, solidão e melancolia. “Estava só. Lembrei-me da súplica de Adão ao Criador. No entanto, onde estava o meu? Abandonara-me; e, na amargura de meu coração, o maldisse” (SHELLEY, 2017, p. 140).

3.2 A NATUREZA COMO REFÚGIO DA CRIATURA MELANCÓLICA

Muitos capítulos da obra de Mary Shelley nos apresentam diversos momentos de exaltação da natureza. As belezas naturais são contempladas pela criatura, como também pelo seu criador de forma fascinante os conduziam a um estado de paz e tranquilidade. A natureza é para ela um refúgio seguro, pois é aceita por todos os elementos que desenham a paisagem. A forte capacidade descritiva de Shelley nos faz imaginar toda ambientação em que a criatura se encontra, a forma como é narrada leva ao leitor a ser copartícipe daquela narrativa. É através da natureza que podemos enxergar uma criatura sensível e intensa em suas emoções. Ao contemplar a natureza, a criatura se sente acolhida como parte dela e naquela suave alegria busca alívio dos pesares de sua monstruosidade.

Os pássaros cantavam as notas mais alegres, e as folhas começaram a brotar nas árvores. Oh, terra feliz! Lar próprio dos deuses que, pouco antes, era lúgubre, úmida e insalubre. Meu estado de espírito foi elevado pela aparência encantadora da natureza (SHELLEY, 2017, p. 127).

Os momentos vivenciados pela criatura na natureza e toda a ambientação descrita com tamanha beleza e solenidade pela autora, ressaltam cada vez mais a ideia de refúgio e acolhimento ao sujeito desprezado e condenado por seu próprio criador que o rejeitou desde

seus primeiros instantes de vida. Mas era a natureza que aceitava a criatura com toda sua deformidade. Apesar disso, a criatura dotada de conhecimento passou a compreender que para ela o momento mais seguro era a noite, pois as pessoas se recolhiam e isso fazia com que amenizasse os riscos de possíveis confrontos com os homens no meio do bosque.

Minhas viagens foram longas e os sofrimentos pelos quais passei, intensos. O outono já terminava quando deixei o local em que vivera por tanto tempo. Viajava somente à noite, temeroso de encontrar o rosto de um ser humano. A natureza ao meu redor declinava e o sol ficava menos quente. Chuva e neve caíam sobre mim, rios caudalosos estavam congelados e a superfície da terra mostrava-se endurecida, fria, nua, e não encontrei abrigo. Oh, terra! Quantas vezes roguei maldições à causa de seu ser! A suavidade da natureza se fora e tudo dentro de mim tornava-se amargo e mordaz (SHELLEY, 2017, p. 148).

A partir daí, encontramos uma criatura que a suavidade da natureza já não poderia tocá-la, pois já estava tomada por uma grande amargura. Uma vez que o Dr. Frankenstein se recusou a criar uma companheira da mesma monstruosidade de sua criatura. O monstro iniciou sua vingança exterminando as pessoas que seu criador tanto amava. A criatura desejava que o destino do seu criador também fosse a solidão, dessa vez não uma solidão voluntária, e sim causada pela dor da perda de seus entes queridos.

Não havia ninguém, entre a miríade de homens existentes, que pudesse ter pena ou ajudar-me; e deveria ser bondoso para com meus inimigos? Não. Desde aquele momento, declarei guerra eterna contra a espécie e, sobretudo, contra aquele que me criou, abandonando-me nesta angústia insuportável (SHELLEY, 2017, p. 145).

Vemos neste espaço/tempo que a criatura passa a expressar cada vez mais a sua angústia por está abandonada. Mesmo não sendo aceita pela sociedade como gostaria, a criatura melancólica, na solidão de seu casebre tenta adaptar-se à realidade de sua vida. Para isso, se utiliza de leituras de grande valor literário, como é o caso de livros como *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe.

Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, além do interesse na história simples e comovente, tantas opiniões são discutidas e tantas luzes lançadas sobre o que tinham sido para mim até então assuntos obscuros. Nessa obra descobri uma fonte infindável de especulação e surpresas. Os costumes cortesês e domésticos, combinados com juízos e sentimentos sublimes, que tinham por objeto algo fora do próprio eu, harmonizavam bem com minha experiência entre meus protetores e com os desejos que estavam para sempre vivo em nosso íntimo. No entanto, acreditava que o próprio Werther era um ser mais divinal do que jamais vi ou imaginei (SHELLEY, 2017, p. 138).

Familiarizada com a obra de Goethe, a criatura admira o protagonista Werther e ligeiramente se assemelha ao jovem. “Vi-me semelhante, ainda que ao mesmo tempo estranhamente distinto, dos seres sobre os quais lia e cuja conversa ouvia. Partilhava de seus sentimentos e, em parte, os compreendia, mas minha razão era amorfa” (SHELLEY, 2017, p.

138). Assim como na obra de Shelley, podemos encontrar a presença de um profundo sentimentalismo expressado pela criatura através dos elementos da natureza. De acordo com Guinsburg (2011):

Goethe opunha-se a toda e qualquer tendência mecanicista e defendia uma concepção organicista da natureza, considerando-a como um grande animal vivo, um organismo que jamais poderia ser traduzido matematicamente, a não ser pela sua desfiguração (GUINSBURG, 2011, p. 96).

Não cabe a nós fazer uma comparação acerca da tendência organicista da natureza de Guinsburg com a escrita de Mary Shelley. Sabemos que a autora possuía um vasto arcabouço de leituras que a inspiraram, como também colaboraram para a criação de seu *Frankenstein*. No entanto, ressaltamos que ambas as obras possuem cenários naturalistas e os seus protagonistas utilizam de forma significativa a representação dos seus sentimentos através da natureza.

Não obstante a isso, é possível observar a existência de grandes conflitos emocionais presentes nos romances de *Frankenstein*, bem como em *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tais conflitos são como rios que desaguam no oceano da melancolia. Entretanto, no romance em apreço, temos uma melancolia expressa através da monstruosidade da criatura que, por causa de sua aparência horrenda, é impedida de ser amada e é totalmente desprezada e condenada a viver na solidão até o seu fim. Por outro lado, em *Werther*, temos uma melancolia gerada por uma relação amorosa frustrada, uma vez que o personagem é apaixonado por Carlota. Assim, em *Werther*, vemos que na medida em que o romance vai se aproximando do final, o sonho do personagem vai se decompondo até se desfazer por completo, e que a única maneira de todo o seu sofrimento chegar ao fim seria e entregar-se à morte.

A leitura de *Werther* despertou e acentuou fortemente o sentimento da melancolia na criatura do Dr. *Frankenstein*. “Aprendi com *Werther* a ter devaneios de desânimo e melancolia...” (SHELLEY, 2017, p. 138). A criatura não só absorveu para si os conflitos psicológicos presentes na obra do romancista alemão, mas também se preocupou em compreender os demais textos que teve acesso em sua casinhola, como a leitura do volume de *Vidas paralelas*, de Plutarco e *Paraíso perdido*, de John Milton.

Mas Plutarco ensinou-me a cultivar pensamentos elevados. Alçou-me acima da maldita esfera de minhas reflexões, a admirar e amar os heróis dos tempos passados. Muitas coisas que li superavam minha compreensão e experiência. Tinha um entendimento confuso dos reinos, grandes extensões de terra, rios vastos e mares infinitos (SHELLEY, 2017, p. 138).

A cada nova leitura, a criatura conhecia e compreendia cada vez mais o mundo em que estava inserida mesmo que este não a aceitasse. Para além disso, vemos uma criatura

fragilizada, porém com grande estatura, força e velocidade sobre-humana, essas características a diferenciam do homem comum, como por exemplo, Félix o filho de ancião do chalé, o qual a criatura chamava aquela família de seus protetores. Assim como a criatura, a família do chalé também estava exilada próximo ao bosque, mas o seu exílio se deu não por causa de sua aparência, mas por uma condenação da justiça de seu país.

O exílio entre a criatura e a família De Lacey tornou-se algo em comum, no entanto, cada qual possuía uma razão distinta para seus respectivos exílios. Após eles encontrarem a criatura ao lado do ancião, que por sinal era cego e por isso não sentiu medo ou horror do monstro, a família deixou o chalé e a criatura o incinerou raivosamente.

Conforme a noite se adiantava, veio do bosque um vento feroz que rapidamente dispersou as nuvens que tinham ficado no céu. Uma rajada de ar veio com toda a força, como uma poderosa avalanche, produzindo uma espécie de insanidade em meu espírito, que rompeu todos os limites da razão e da reflexão. Ateei fogo em um galho seco e dancei com fúria ao redor do infeliz chalé, meus olhos fixos no horizonte ao oeste, cuja borda a lua mal tocava. Uma boa parte de seu orbe estava oculta e sacudi meu tição; ela desapareceu e, com um grito sonoro, acendi a palha, o mato e os arbustos que coletara. O vento espalhou o fogo e o chalé logo estava envolto pelas chamas, que nele pegaram e o lamberam com línguas bifurcadas e destruidoras (SHELLEY, 2017, p. 147).

Nesse momento encontramos uma criatura possuída pelo sentimento de vingança. Não apenas por ter sido rejeitada pelos seus protetores do chalé que diariamente os ajudava na coleta de madeira entre outras tarefas realizadas sempre à noite para que eles não a vissem. A criatura desperta em si ódio pela raça humana e, sobretudo por seu criador, por isso parte em sua busca. Acha-o, persegue-o e mata praticamente todos os seus parentes fazendo-o com que ele também amargue e divida a tristeza e a solidão de ser sozinho no mundo.

Após esse evento, vemos um Dr. Frankenstein obstinado a entrar em um combate mortal com sua criatura e pôr um fim em todo esse infortúnio vivido por ambos. No entanto, Victor se junta ao capitão Walton e já debilitado passa a receber seus cuidados em um camarote da embarcação de seu amigo. É naquele leito que ele dar seus últimos suspiros e também se encontra com sua criatura que é vista pelo capitão, assim como narra em sua carta.

Entrei no camarote onde jaziam os restos de meu malfadado amigo admirável. Sobre ele, curvava-se uma figura que não encontro palavras para descrever; de estatura gigantesca, embora canhestro e de proporções distorcidas. Enquanto se inclinava sobre o caixão, seu rosto estava escondido por longas madeixas de um cabelo desigual, mas uma mão imensa estendia-se, em cor e aparência semelhantes a de uma múmia. Quando percebeu que me aproximava, cessou de proferir exclamações de pesar e horror e saltou em direção à claraboia. Jamais contemplei algo tão horrível quanto seu rosto, de tamanha repugnância e fealdade apavorante (SHELLEY, 2017, p. 223).

Walton fica espantado pelo monstro abominável que vê diante de seus olhos e por alguns poucos minutos, a criatura que velava seu criador passa a lamentar-se profundamente. “Eu, o miserável e o abandonado sou um aborto a ser rejeitado, chutado e pisado” (SHELLEY, 2017, p. 225). Ao capitão Walton, a criatura anuncia o seu próprio fim.

Não pense que serei lento em realizar tal sacrifício. Deixarei seu navio na balsa de gelo que me trouxe para cá e rumarei para o extremo norte do globo. Farei uma pira funerária e consumirei nas chamas esta carcaça miserável, de modo que meus restos não possam lançar luzes para nenhum patife curioso e ímpio que possa criar outro como eu. Morrerei. Não sentirei mais as agonias que neste momento me consomem ou serei presa de sentimentos insatisfeitos e inextinguíveis. Aquele que me trouxe à vida está morto; e quando eu deixar de existir, a própria lembrança de ambos se esvairá rapidamente (SHELLEY, 2017, p. 226).

Durante todo o seu tempo de vida, a criatura viveu sozinha e abandonada não apenas por aquele que a trouxe à vida e que já se encontrava morto, mas por todos aqueles que ela tentou se aproximar com o objetivo de construir um vínculo e ser aceita mesmo com sua aparência horrorosa. Depois de ter se vingado de seu pai criador e contemplado sua face gélida naquela embarcação e, após proferir de forma solene a sua própria sentença diante do cadáver de seu pai criador e do capitão Walton, a criatura saltou da embarcação para as geleiras, a fim de cumprir suas palavras e se encerrar neste mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evidência da importância de estudar a obra de Mary Shelley, sobretudo o romance gótico que estava em ascensão na Inglaterra, nos faz perceber que apesar da excelência com que Shelley escreveu seu *Frankenstein*, ainda existia por parte da sociedade patriarcal uma grande resistência com a escrita feminina, isto ficou clara, pois o livro foi publicado com pseudônimo e só mais tarde foi possível ver o nome de sua escritora estampado na capa. O romance de Shelley foi um verdadeiro divisor de águas, uma vez que inaugurou um novo tempo, ou seja, abriu caminho para que outras escritoras também pudessem escrever e publicar suas obras.

Em seu romance, Mary Shelley nos oferece um novo Prometeu, que não é o deus-titã de Ésquilo, responsável pelo ato trágico de roubar e entregar o fogo sagrado aos homens, elemento que se reveste de significados, uma vez que é a partir do fogo que os mortais se iluminam de conhecimento. Por isso, o trágico ato de Prometeu despertou a tirania de Zeus que de imediato o puniu. Por outro lado, em Shelley, nos deparamos com o jovem cientista Victor Frankenstein, que não roubou o fogo sagrado, mas se embriagou de conhecimentos científicos, a fim de soprar a centelha divina da vida em sua criatura. Por isso, “percebemos, desse modo, que a elaboração do ‘Prometeu moderno’, de Mary Shelley, apesar de toda sua jovialidade, foi fruto de uma pesquisa e uma atividade artística criativa” (DANTAS, 2019, p. 135).

Dessa maneira, podemos perceber que ambos os personagens Prometeu e o Dr. Victor Frankenstein sofrem punições por seus atos, que apesar de distintos afrontam a natureza humana. Prometeu é acorrentado e condenado a ter seu fígado devorado por um grande pássaro, mas por ser um deus, seu órgão pode se reconstituir para que no outro dia volte a ser devorado. “No caso do personagem, Victor Frankenstein, sabemos que ele irá sofrer com sucessivas e doloridas mortes (irmão, amigo, esposa...) oriundas de sua própria criação (o monstro) e morrerá desesperado buscando dar fim aquilo que ele mesmo havia criado” (DANTAS, 2019, p. 135).

Portanto, a solidão e a melancolia são elementos que se fazem presentes em ambos os personagens. Prometeu que ficou acorrentado sozinho em uma rocha limítrofe entre o céu e a terra e Victor perdeu todos os seus parentes que foram tragicamente mortos por sua própria criação. Vemos também, que depois de ter sido rejeitada pelo seu próprio criador e por todas as

outras pessoas, a criatura se enche de ira e comete diversos assassinatos como uma forma de vingar-se do seu sofrimento e de toda dor causada por seu genitor.

Sendo assim, acreditamos que o trabalho da obra em apreço colabora não apenas de maneira acadêmica por sua importância, mas também por abordar aspectos de cunho social e psicológico como é o caso do abandono e rejeição da criatura do Dr. Frankenstein na sociedade, e a solidão e melancolia, sendo esta última uma patologia da mente que atravessa o tempo e ainda persiste nos dias de hoje. Por termos um *corpus* o qual podemos explorá-lo dentre outros aspectos, decidimos apresentar uma abordagem com o objetivo de contribuir e somar com estudos acadêmicos voltados para o romance gótico oitocentista e também evidenciar a forte presença do mito na obra de Mary Shelley.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Márcia Xavier de. “Introdução”. In: SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o Prometeu Moderno**. Rio de Janeiro: Darkside, 2017.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Agir, 2015

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. Tradução Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 1996.

DANTAS, Michelle Bianca Santos. O(s) mito(s) de Prometeu e Frankenstein: epifania e construção arquetípica. In: SANTOS, Luciane Alves; GABRIEL, Maria Alice Ribeiro; DANTAS, Michelle Bianca Santos (org.) **Reflexões sobre o insólito ficcional**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ÉSQUILO, ca. 525-456 a. C. **Tragédias**. Estudos e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

FRANÇA, Julio. As relações entre “Monstruosidade” e “Medo Estético”: anotações para uma ontologia dos monstros na narrativa ficcional brasileira. In: Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. Julho, UFPR, 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0218-1.pdf> Acesso em: 25/04/2021

FREUD, S. **Luto e melancolia**. In: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917).

GUINSBURG, J. **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

RODRIGUES, Felipe Lima; LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. Foco narrativo das adaptações de Frankenstein para os quadrinhos. In: Anais das V Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/artigos.php?artigo=q_literatura/felipe_ricardo.pdf&jornada=5 Acesso em: 31/05/2021

SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o Prometeu Moderno**. Trad.: BRITO, Márcia Xavier de. Rio de Janeiro: Darkside, 2017.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos**. A melancolia europeia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOARES, Janile Pequeno. **Frankenstein e a monstruosidade das intenções: a criatura como representação da condição feminina**. João Pessoa. 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em

Literatura) Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SOUSA, Eudoro de. **Mitologia I: Mistério e surgimento do mundo**. 2ª ed. Brasília: Editora, 1995.

STAROBINSKI, Jean. **A tinta da melancolia: Uma história cultural da tristeza**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.